

Usina São João: história, memória e patrimônio no ensino de História

Usina São João: history, memory and heritage in the History teaching

Usina São João: historia, memoria y patrimonio en la enseñanza de Historia

André Pinto Ferreira¹

RESUMO: Este artigo sintetiza a dissertação homônima, sendo esta composta de dois volumes (o primeiro, um texto de acompanhamento com subsídios teóricos e didáticos; e o segundo, uma Oficina sobre a Usina São João, localizada no município de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro). A Oficina foi criada a partir da reflexão sobre História, Memória e Patrimônio na perspectiva do Ensino de História, utilizando fontes históricas de diferentes tipos. O material produzido destina-se a alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental e propõe-se a discutir o

¹ Mestre em Ensino de História (UNIRIO). Professor Efetivo do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Prof. Aldo Muylaert (ISEPAM/FAETEC).

patrimônio não apenas dentro de uma historicidade local, mas relacionado também ao desenvolvimento municipal, estadual e nacional.

Palavras-chave: História; Memória; Patrimônio; Ensino de História; Usina São João.

ABSTRACT: This article synthesizes the homonymous dissertation, which is composed of two volumes (the first, a text of accompaniment with theoretical and didactic subsidies, and the second, a Workshop about the Usina São João, located in the municipality of Campos dos Goytacazes, interior of the state from Rio de Janeiro). The Workshop was created from the reflection on History, Memory and Heritage in the perspective of Teaching History, using historical sources of different types. The material produced is intended for students in the second cycle of Elementary Education and it is proposed to discuss heritage not only within a local historicity but also related to municipal, state and national development.

Keywords: History; Memory; Heritage; History teaching; Usina São João.

RESUMEN: En este artículo se resume la tesis del mismo nombre, que se compone de dos volúmenes (el primero, un texto que la acompaña con subsidios teóricos y educativos, y el segundo, un taller sobre la Usina São João, ubicada en el municipio de Campos dos Goytacazes, en el estado de Río de Janeiro). El taller fue creado a partir de la reflexión sobre la Historia, la Memoria y el Patrimonio en la perspectiva de la Enseñanza de la Historia, con el uso de fuentes históricas de diferentes tipos. El material producido está destinado a estudiantes del segundo ciclo de la enseñanza primaria y propone es discutir el patrimonio no sólo dentro de una historicidad local, pero también se relaciona con el desarrollo municipal, estatal y nacional.

Palabras clave: Historia; Memoria; Patrimonio; Enseñanza de la Historia; Usina São João.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Minha trajetória docente teve início em 2005, quando comecei a lecionar em turmas do primeiro segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), habilitado pela formação no Curso Normal Médio. Mais tarde, graduei-me em História e fiz Especialização em História do Brasil, mas continuei trabalhando com as séries iniciais até 2013, quando passei a dedicar-me apenas ao Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio, como professor específico da disciplina História. Atualmente, atuo como professor regente de História na rede pública do Rio de Janeiro, pela Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC) e, desde junho de 2015, tomei posse em concurso público como Professor de Ensino Superior – História, estando lotado no Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM), instituição ligada à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, destinado a formar profissionais para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Gestão Pedagógica.

Esta vinculação com os primeiros anos da Educação Básica, anteriormente como professor e agora como formador de professores, me levou a pensar na produção de uma Oficina de História que pudesse ser utilizada neste segmento, especialmente o 4º ano de escolaridade, uma vez que, embora o currículo da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes de Campos dos Goytacazes (SMECE) registre como conteúdos para este ano o estudo da História da Cidade, não existe um material didático adequado e atualizado disponível para esse fim.

A escolha da Usina São João deve-se a três fatores principais: ela foi uma das maiores usinas de açúcar e álcool do estado do Rio de Janeiro, constituindo um núcleo fabril que ainda pode ser observado e analisado, com moradores que chegaram à região em diferentes épocas; as terras da Usina, após a paralisação da produção industrial, foram ocupadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), dando origem ao Assentamento Zumbi dos Palmares, considerado pela própria comunidade como um dos exemplos da Reforma Agrária no país; na região onde se instalou o Assentamento encontra-se a Escola Municipal Carlos Chagas (Jacarandá), onde trabalhei por alguns anos e, com isso, acabei desenvolvendo laços com a localidade.

Pensar em uma Oficina de História sobre a Usina São João, porém, vai além de atender apenas aos estudantes da região, pois abre discussões que podem contribuir para a valorização da História de toda a cidade, estabelecendo diferenças e semelhanças com processos ocorridos em outras usinas, inclusive de outros estados do Brasil.

HISTÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA

“Você é professor de História? Então você gosta de contar histórias...”. Durante minha trajetória profissional inúmeras vezes ouvi este tipo de formulação e acredito que estas construções façam parte do cotidiano de praticamente todos os meus pares que trabalham com esta disciplina escolar. Essa ideia, que iguala o ofício de professor com o de contador de histórias, se, por um lado, é proferida como um tipo de brincadeira inocente, por outro, traduz um entendimento que, no senso comum, identifica a narrativa de fatos históricos como a principal característica deste ramo da ciência, demonstrando ainda uma “fusão” dos diferentes significados que o termo História pode assumir no mundo contemporâneo.

LE GOFF (2000, p. 19-20) encontra nas línguas latinas pelo menos três significados para o termo História:

1) a pesquisa das “ações realizadas pelos homens” (Heródoto), que se esforçou por se constituir em ciência, a ciência histórica; 2) o objecto da pesquisa, aquilo que os homens realizaram. [...] Mas a história pode ter ainda um terceiro sentido, o de narração. Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na “realidade histórica” ou puramente imaginária – e esta pode ser uma narrativa “histórica” ou uma fábula. A língua inglesa escapa a esta última confusão porque distingue history e story (história e conto). [...] a alemã tenta estabelecer a diferença entre a actividade “científica”, Geschichtschreibung (historiografia) e a ciência histórica propriamente dita, Geschichtswissenschaft.

Pode-se perceber, então, que existe uma enorme variedade de concepções a respeito do significado do termo e que cada indivíduo, historiador ou não, pode utilizar-se de um ou vários deles, dependendo do contexto no qual está inserido e/ou do referencial teórico-metodológico empregado.

SILVA & SILVA (2009, p. 185) também admite a diversidade do conceito, e vai além, pontuando que a concepção de História adotada pelo professor está diretamente relacionada à sua atuação docente:

o professor de História tem papel político dos mais importantes em nossa sociedade, papel ao qual não se pode furtar, mas que muitas vezes não percebe, o de formador de consciências. Segundo Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky, em História na sala de aula, um dos papéis do professor

é servir de intermediário entre o patrimônio histórico da humanidade e o universo cultural do aluno, que integra esse patrimônio. Tal percepção corrobora a afirmação de Leandro Karnal, na mesma obra, acerca dos métodos didáticos em uma sala de aula de História: uma aula pode ser ultrapassada mesmo contando com os mais modernos recursos didáticos. Mas também pode ser inovadora só com professor, giz e quadro negro. Pois o que conta é a concepção de História possuída pelo professor.

Neste estudo, pensaremos na História como uma ciência, voltada para o estudo das ações humanas no tempo, e que, para validar suas proposições, utiliza-se de fontes históricas, que são diversos tipos de vestígios, sejam eles orais, escritos, imagéticos, edificações ou quaisquer outros, para produzir uma narrativa com uma pretensão de verdade. De forma especial, pensaremos ainda no papel dessa ciência ao ser reelaborada para fins pedagógicos, uma vez que se transformou em disciplina escolar em diferentes lugares do mundo, incluindo o Brasil, onde está presente obrigatoriamente em todas as classes da Educação Básica.

HISTÓRIA E MEMÓRIA

A ideia de memória adquire contornos diferentes ao ser relacionada com a História enquanto ciência ou com o Ensino de História. Isto porque, tradicionalmente, a prática da memorização se instituiu como método de ensino e de avaliação de conteúdos escolares, especialmente os conteúdos históricos. LE GOFF (2000b), ao verificar o desenvolvimento de um vocabulário relacionado à mneme e à memória, registra o aparecimento de amnésia, mnemônica e memorização na primeira metade do século XIX, “conjunto de termos que testemunha os progressos do ensino e da pedagogia” (p.43-44).

Apenas na década de 1970 (SILVA & SILVA, 2009) a questão da memória se torna um tema relevante na pesquisa histórica, porém com um sentido diferente daquele conhecido no meio pedagógico. A memória, individual e coletiva, passa a ser vista como mais uma fonte disponível ao historiador em seu trabalho de reconstrução do passado, sendo rapidamente incorporada na chamada História Oral. Este movimento de incorporação da memória no pensamento historiográfico acontece em um momento de pesadas críticas ao uso da memorização como prática docente. Um dos resultados deste processo é a falta de clareza quanto às relações estabelecidas entre a Memória, História e Ensino.

TOLEDO (2004, p. 16) critica uma abordagem esmagadoramente didática, que analisa a memória estritamente pelo viés cognitivo e que resume-se em apenas apontar a necessidade de novas metodologias que superassem a pedagogia tradicional:

muitos trabalhos já se dedicaram em denunciar o uso da memória (memorização) dos conteúdos de história, tendo como argumento central que a memorização impede a reflexão da história como movimento de continuidade e descontinuidade. Centrados, no entanto, em uma perspectiva que, ao se falar em memória no ensino da História, a referência imediata é a memória entendida especificamente sob a perspectiva da cognição, tornou-se lacunar a discussão teórico-metodológica sobre a relação História e memória [...].

LOWENTHAL (1998) elege três formas pelas quais podemos conhecer o passado: a História, a memória e os fragmentos, reconhecendo as duas primeiras como processos interdependentes e a terceira como resíduos de processos. Para o autor, (p.75) “Toda

consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado”. Defende também que, a despeito do senso comum que identifica a lembrança do vivido como garantia de fidedignidade, a memória resulta de uma construção e reconstrução constantes, muito mais ligadas às necessidades do presente do que ao passado. Assim, ao longo da sua existência, as pessoas selecionam e reinterpretam lembranças e esquecimentos. A relação entre História e memória não se realizaria a partir do posicionamento entre mais ou menos verdadeiro, mas de complementaridade: “A história expande e elabora a memória ao interpretar fragmentos e sintetizar relatos de testemunhas oculares do passado” (p.104).

Concordamos que a crítica aos processos de memorização nas práticas de ensino de História é pertinente, porém minimiza o conceito pejorativamente, levando a supor que toda e qualquer memorização seja um problema em si. Acreditamos que seja possível utilizar a memória cognitiva de forma contextualizada, contribuindo para a construção do pensamento histórico dos alunos. Quanto à Memória Social, é importante que seja pensada em sua relação com a História sob a perspectiva de que, mesmo remetendo aos mesmos fatos e épocas, o que leva a partilharem um fundo em comum, divergem em relação às suas funções, podendo ser utilizadas para fins completamente diferentes e com versões também conflitantes. Porém, tanto uma como a outra podem e devem ser empregadas para uma melhor compreensão do passado, desde que se conheçam os limites e possibilidades que ambas apresentam.

A Memória como lembrança do passado cumpre um importante papel na conformação das identidades individuais e coletivas. Lembrar do próprio passado não só nos liga a uma trajetória temporal anterior, mas também contribui para a compreensão da nossa constituição no presente. O mesmo acontece com os grupos: partilhar de um passado ou um suposto passado em comum, se traduz em um sentimento de pertencimento que liga afetivamente pessoas de uma comunidade, estabelecendo laços de sociabilidade.

HISTÓRIA E PATRIMÔNIO

Assim como a História e a Memória, o conceito de Patrimônio também é muito amplo, sendo entendido de diferentes maneiras de acordo com a ciência à qual esteja ligado o pesquisador, como a Antropologia, a Geografia, a Arquitetura ou a própria História, por exemplo.

De maneira geral, no campo específico da História, o tema patrimônio vem ganhando destaque no século XXI, muitas vezes substituindo a expressão Patrimônio Histórico por Patrimônio Cultural. Mesmo em plena ascensão, porém, as discussões na área ainda continuam afastadas da maior parte dos cursos superiores, sendo contemplados especialmente na pós-graduação ou nos cursos de turismo (SILVA & SILVA, 2009).

Esta situação nos leva a perceber que também o patrimônio não existe em si mesmo, mas deriva de uma construção social que está muito ligada à formação da identidade que se quer representativa de um povo ou lugar. Com isso, o historiador e o professor de História adquirem importância ímpar na desconstrução do sentido de naturalidade do patrimônio, ao mobilizarem reflexões que ultrapassem o senso comum e contribuam para o desenvolvimento de um conhecimento crítico da realidade social e do passado.

NORA (1993), embora não utilize o termo Patrimônio, analisa que, em meio à aceleração da História e a conseqüente sensação do desaparecimento das memórias, o mundo contemporâneo terminou por eleger determinados lugares onde o passado se materializa, que ele chama de Lugares de Memória: “Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os

marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade” (p. 13). Estes lugares são ícones de reconhecimento e pertencimento de um grupo e só são identificados como Lugares de Memória na medida em que são apropriados como um símbolo: “Na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história” (p. 22).

LOWENTHAL (1998) também não utiliza o termo Patrimônio, mas faz profundas reflexões sobre o que chama de relíquias, que seriam os aspectos tangíveis do passado em nossa era. Para ele, História e Memória diferenciam-se das relíquias essencialmente na relação destas com o passado. Enquanto a História e a Memória prenunciam o passado, as relíquias não dizem nada em si mesmas, só podem nos transmitir algum conhecimento através da interpretação. As relíquias tornam ainda o conhecimento histórico “mais popular, pluralista e público” (p. 158), uma vez que podem trazer à tona registros sobre o passado que não foram deixados de forma intencional, como os registros escritos, por exemplo, mas que sinalizam o modo como viveram pessoas comuns em uma região.

Outra característica das relíquias seria sua forma estática. O autor entende que uma relíquia significa um momento suspenso no tempo e que locais bem preservados, ao contrário do que parece, não representam a vitalidade histórica, mas traduzem um sentido de estagnação. Se nada mudou, o passado continua presente.

Outra importante contribuição de LOWENTHAL é sua visão das interligações entre História, Memória e relíquias (entendido nesta pesquisa como Patrimônio):

Memória, história e fragmentos oferecem caminhos para o passado que se percorrem melhor quando combinados. Cada caminho exige os outros para que a jornada seja significativa e confiável. As relíquias dão início às recordações que a história confirma e expande recuando no tempo. A história em isolamento é estéril e desprovida de vida; fragmentos significam apenas o que a história e memória transmitem. De fato, muitos artefatos surgiram como testemunhas da história ou da memória. Uma apreensão significativa do passado exige compromisso com prévia experiência, própria e de outros, ao longo de todos os três caminhos. (1998, p. 166-167).

Seria então o Patrimônio Cultural uma das fontes disponíveis para a pesquisa histórica e para o Ensino de História, contribuindo, juntamente com a Memória e a História, para a construção do conhecimento que temos sobre o passado.

O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DE OFICINAS

A Oficina aqui é dimensionada como uma metodologia de ensino em que o aluno passa a ser visto como construtor de seu conhecimento através da mediação do professor, que supera a visão de transmissão de conteúdos e age como um orientador e organizador das discussões. Através de reflexões sobre fontes primárias, mobiliza-se um conjunto de reflexões que servirão como base para a execução de uma atividade prática.

Entendemos a aula como Oficina uma alternativa pedagógica plenamente adequada para o Ensino de História nas séries iniciais do Ensino Fundamental, tornando possível a participação ativa do aluno no processo de construção do conhecimento histórico, ao mesmo tempo em que propõe uma mudança no paradigma escolar, substituindo a tradicional aula expositiva/narrativa e colocando o aluno em contato com documentos diversos, como orientado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

SOTERO (2013) avalia que atualmente o ensino de História continua preso a uma prática tradicional, que não consegue fazer com que o aluno se perceba como sujeito histórico no mundo, nem compreenda a escola como um lugar privilegiado para a construção de

conhecimentos úteis para a vida em sociedade. Este quadro acaba por se consubstanciar em aulas enfadonhas e desestimulantes, que não conseguem dar conta das necessidades reais dos alunos nem do papel da escola.

Argumenta ainda que o livro didático permanece como o material pedagógico mais presente e influente, sendo visto por professores e alunos como um manual de “verdades incontestáveis, [...] de grandes feitos heroicos por grandes heróis, ocultando as lutas das minorias políticas no processo de construção do Brasil” (p. 7).

Surge então a necessidade de se pensar em estratégias que contribuam para uma mudança não apenas na forma como as aulas se processam, mas também no entendimento de como o conhecimento histórico é construído.

NASCIMENTO (2015, p. 170) entende esta metodologia como uma transformação dos papéis desempenhados em sala de aula:

O ambiente da sala de aula, por muito tempo ocupado por professores de história e pelos alunos de história, agora, nesta perspectiva, é ocupado por pesquisadores. [...] O passado deixa de ser algo pronto e transforma-se em um desafio para os pesquisadores, um escuro a ser esclarecido pela pesquisa, um memorial ao qual se fundamenta a identidade individual e coletiva dos sujeitos da aprendizagem.

Percebe-se, então que o uso da Oficina como metodologia de ensino pode contribuir para que o Ensino de História esteja mais articulado à formação da identidade do aluno, permitindo que fontes documentais sejam experienciadas de forma prática e colaborando para a construção de referenciais teóricos que lhe permitam situar-se historicamente no mundo a partir da realidade que o cerca.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

A Oficina Usina São João – História, Memória e Patrimônio foi desenvolvida tendo como eixo norteador o tema Terra e Trabalho, estando dividida em cinco seções: 1. O tempo passa; 2. A Usina São João; 3. O trabalho na fábrica; 4. O trabalho no campo; 5. O assentamento Zumbi dos Palmares. Cada seção inicia-se com um texto introdutório de caráter informativo, que serve como subsídio para as discussões referentes a cada uma das fontes históricas elencadas no decorrer da mesma. Procuramos também incorporar um elemento mais lúdico, adequado à faixa etária a que se destina a obra: na seção 1, há um roteiro que deve ser preenchido através de recorte e colagem; na seção 2, um quebra-cabeça; na seção 3, um croqui para colorir; na seção 4, uma cruzadinha; e, na seção 5, uma história em quadrinhos. Ao final de cada seção, há um espaço intitulado Meus registros, onde o aluno deverá registrar, tanto por escrito quanto por imagens, aspectos apreendidos/construídos durante as aulas.

A Atividade Final é uma proposta de produção, em que o aluno deve ser estimulado a mobilizar todo o conhecimento que foi construindo ao longo das atividades da Oficina para criar um texto autoral, aproximando-se um pouco do método histórico utilizado por historiadores.

Esta Oficina não pretende abarcar todo o currículo do 4º ano do Ensino Fundamental, contemplando apenas alguns conteúdos, que foram escolhidos levando-se em consideração uma melhor adequação à possibilidade de se relacionar com as fontes disponíveis. Não se trata, então, de um substitutivo do livro didático, mas de um complemento para subsidiar uma aula de História que esteja baseada tanto na participação ativa de professores e alunos quanto na defesa do conhecimento histórico regional como base para a compreensão não

só da realidade local, mas também da realidade de outras regiões, sejam elas municipais, estaduais e/ou nacionais.

Também nos preocupa que a escassez de material didático regional acabe levando para as aulas de História textos e publicações não especializados, mas que se encontram disponibilizados na internet, muitas vezes sem muita preocupação com a utilização de métodos históricos no tratamento das fontes e das informações, perpetuando ideias presentes no senso comum ou na memória coletiva como sendo verdades absolutas. A Oficina tenta preencher algumas lacunas na área.

Buscamos fugir de uma narrativa que tivesse como lógica final a ocupação das terras da antiga Usina São João e a criação do Assentamento Zumbi dos Palmares, como se esta fosse a única alternativa do desenvolvimento histórico da região.

Na produção da Oficina não foram confeccionadas, propositalmente, atividades de perguntas e respostas. Esta opção baseia-se na reflexão à crítica largamente difundida sobre um ensino de História de caráter memorizador, muito comum nas séries iniciais. A disponibilização das fontes históricas sem as tradicionais atividades pré-estabelecidas devem ser pensadas como um estímulo para o levantamento de hipóteses por professores e alunos e a discussão de diferentes pontos de vista em sala de aula.

A relação da História com a Memória foi abordada comungando da noção de complementaridade. Fatos contemporâneos aos indivíduos são sempre reinterpretados de acordo com as circunstâncias do presente. A simples lembrança de algo vivido ou presenciado não pode ser tomada como prova cabal de autenticidade do registro. Diante da impossibilidade de resgate da História e da Memória, deve-se buscar construir um conhecimento possível com as fontes disponíveis. Todos os registros de um período devem ser interpretados e confrontados entre si na busca da construção de um conhecimento válido sobre o passado. Neste aspecto, procuramos utilizar fontes de origens diversas, com pontos de vistas referentes a diferentes grupos.

Embora a Usina São João não tenha sido tombada como Patrimônio pelo IPHAN, não consideramos que esta situação inviabilize ou desprestigie sua utilização como fonte de referência para o Ensino de História para as séries iniciais. Consideramos, apesar da falta de um estatuto legal, que a Usina e seus arredores enquadram-se no conceito de Patrimônio cultural brasileiro por se tratarem de um conjunto urbano-rural “de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico” (BRASIL, 1988, art. 216, V).

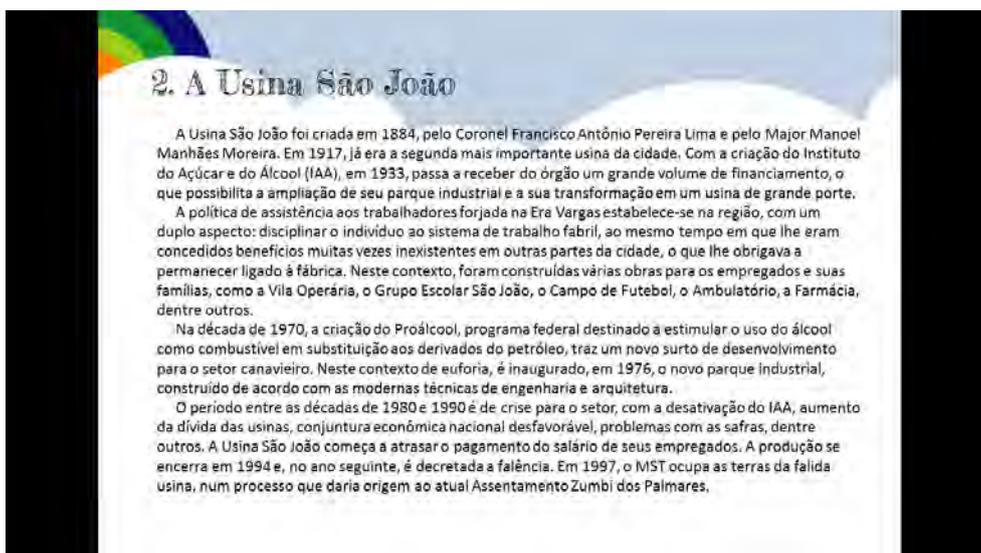
Não entendemos que a situação atual do Patrimônio da Usina indique um estado de estagnação histórica. Pelo contrário, visualizamos uma tentativa de, após o processo de desindustrialização e aparente abandono da região, tentar promover, mesmo que sob padrões econômico-sociais inferiores, a continuidade e vitalidade do local. Se, por um lado, temos a desintegração de alguns serviços (como o comércio local, atendimento médico e escolar), por outro temos a permanência de algumas estruturas (o campo de futebol e as casas da vila operária) e novos usos de outros ambientes (a antiga construção do posto de atendimento médico ambulatorial hoje é utilizada como sede da Igreja São João).

Demonstraremos agora como foi construída a seção 2 da Oficina, intitulada A Usina São João.

A seção pretende trabalhar com uma organização temporal, através da datação da construção de alguns edifícios, colocando em ênfase o modo de vida de uma elite ligada à produção sucroalcooleira, representada pelo usineiro e seus familiares.

O texto introdutório sistematiza algumas informações que foram discutidas na seção anterior. Aborda aspectos relativos a seu desenvolvimento histórico, desde sua fundação, em 1884, ainda no período imperial brasileiro, até a fundação do Assentamento Zumbi dos Palmares, em 1997, se estendendo então por boa parte do período republicano no país (Figura 1).

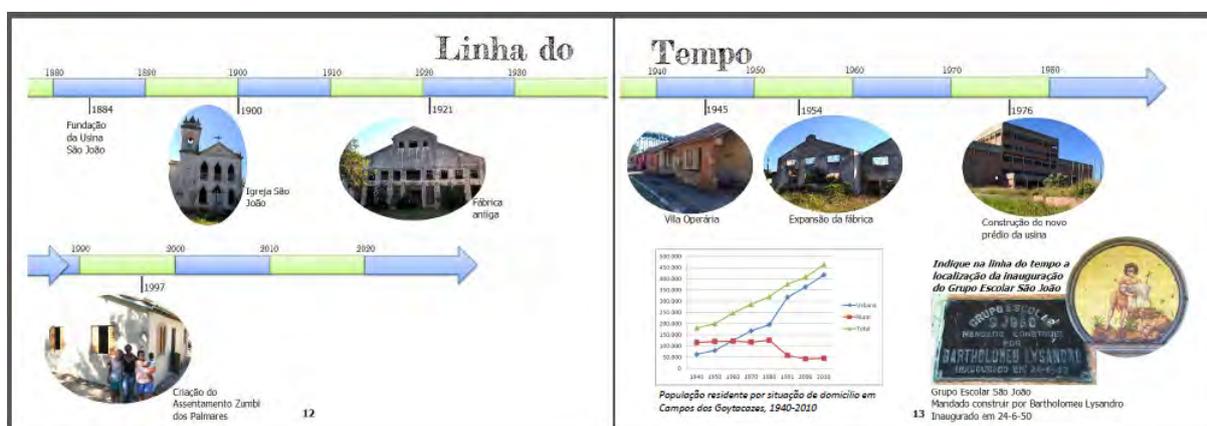
Figura 1 – Texto de abertura



Fonte: Página 11 da Oficina

Confeccionamos a Linha do Tempo (Figura 2) tendo como marcos referenciais não os fatos relacionados à História do Brasil, mas a data de construção de algumas edificações relacionadas à Usina. Isto não impede, no entanto, que outras datas sejam incorporadas à Linha do Tempo relacionando, por exemplo, como era a região quando ocorreu um determinado evento conhecido pelos alunos.

Figura 2 – Linha do Tempo



Fonte: Páginas 12 e 13 da Oficina

Sugerimos também que fatos da própria vida do aluno sejam marcados no espaço adequado. Para isso, a Linha foi alongada até o ano 2030. Ainda neste contexto de compreensão da organização temporal, colocamos a indicação de que o aluno situe o ano de 1950 (ano da inauguração do Grupo Escolar São João) em seu espaço adequado. O gráfico sobre a população residente por situação de domicílio em Campos dos Goytacazes entre 1940 e 2010 também nos fornece informações sobre a importância dos meios urbano e rural no município ao longo do tempo.

Produzimos um quebra-cabeça (Figura 3) com imagens provenientes da revista O Cruzeiro, entre os anos de 1930 e 1980. Escolhemos fotografias representativas de cada

década (1930, 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980) para demonstrar a passagem do tempo através da moda. Destacamos que, embora não sejam referentes a campistas nem a usineiros ou sua família, elas nos permitem pensar como se vestiam e como vivam pessoas pertencentes à elite dominante nos respectivos períodos.

Figura 3 – Quebra-cabeça



Fonte: Resolução do Quebra-cabeça da página 15 da Oficina

As últimas fontes relacionadas ao modo de vida das elites (Figura 4) estão divididas em duas partes: uma reportagem que descreve o luxo da família Lisandro e duas fotos que retratam o interior da casa na sede da Usina, com destaque para os grandes lustres e para a organização da refeição e dos trajes utilizados pelos participantes.

Figura 4 – Visita à Usina São João

VISITA À USINA SÃO JOÃO

Prosseguindo no maravilhoso programa pelo jornalista Dalton Castro, rumamos para a poderosa indústria de açúcar "Usina São João", dirigida por um homem extraordinário que a todos encantou pela sua fidalguia, simplicidade, simpatia e atenção. Trata-se do Sr. Cristóvão Lisandro, figura das mais queridas da sociedade campista, filho do saudoso Deputado Federal Bartolomeu Lisandro e casado com a Sra. Ana Gonçalves Lisandro, filha do não menos saudoso Manoel Gonçalves, fundador do Banco Predial do Estado do Rio. Cristóvão é o continuador da formidável obra de seu pai, aprimorando cada vez mais sua indústria e mantendo um serviço social entre seus funcionários digno de ser imitado, pelos relevantes serviços que presta a todos aqueles que trabalham na organização modelo. Os 17 integrantes da delegação ficaram encantados com as gentilezas do anfitrião. O legítimo escocês circulou com fartura. Cristóvão Lisandro recebeu-nos na casa antiga onde morou seu genitor, conservando-lhe toda a originalidade, a riqueza dos móveis, da valiosa pinacoteca e das baixelas de prata. As moças niteroienses e seus familiares ficaram impressionados com a bela coleção de quadros de autores famosos, tais como, Madrugá, Oswaldo Teixeira, Antônio Parreiras, Ubirajara Campos, Gustavo da Lara, Campão e outros. Em seguida, passamos à casa nova, onde o ambiente moderno forma um contraste dos mais interessantes. A visita à usina de açúcar, vendo todos os pormenores da complicada maquinaria, a todos impressionou. Deixamos a "Usina São João", pesarosos pela visita tão rápida, pois o tempo corria, mas, o ambiente acolhedor, cavalheirismo do anfitrião e o convite para um novo convívio, vieram confirmar todo o conceito que faríamos dos campistas em saber receber como ninguém os visitantes.

(RUAS, Carlos. O Fluminense, 23/07/1963, p. 2).

Interior da casa na sede da Usina

17

Fonte: Página 17 da Oficina

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Oficina foi organizada como uma alternativa à usual técnica da aula expositiva tradicional, em que o professor, tido como sabedor de todos os conteúdos necessários ao desenvolvimento do aluno, repassa oralmente um conhecimento já previamente delimitado, sem nenhuma participação ativa do ouvinte, cuja única tarefa seria escutar atentamente e reter o que foi exposto.

Buscando colocar a criança no centro do processo de ensino/aprendizagem propomos, partindo da interlocução entre História, Memória, Patrimônio e Ensino de História, problematizações, análises, observações e reflexões sobre diferentes tipos de documentos. Pensamos ser esta uma estratégia que contribui positivamente para a construção dos conhecimentos históricos em sala de aula. Nesta proposta, o aluno assume um papel ativo no processo e o professor age como um mediador.

Esperamos, assim, que a Oficina produzida nesta pesquisa sirva como um estímulo para a utilização de novas metodologias no ensino nos anos iniciais, prioritariamente por alunos da cidade de Campos dos Goytacazes, mas também por outros de quaisquer lugares onde o tema se apresente como relevante, e para a produção de novos materiais pedagógicos por pesquisadores da área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em abril de 2016.

LE GOFF, Jacques. História. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000. (História e Memória – 1º volume).

_____. Memória. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000. (História e Memória – 2º volume).

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: Projeto História, São Paulo (17), nov. 1998. (pp. 63-201). Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11110/8154>>. Acesso em ago. 2015.

NASCIMENTO, Evandro Cardoso do. O método como conteúdo: o ensino de história com fontes patrimoniais. In: Educação. Santa Maria, v. 40, n. 11, jan/abr 2015. (pp. 169-182).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História, São Paulo, (10), dez. 1993. (pp. 7-28).

SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. 2.ed. 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

SOTERO, Saoara Barbosa Costa. Oficina: uma proposta metodológica para o ensino de História. In: Anais Eletrônicos - VI Encontro Estadual de História (ANPUH/BA) – 2013. Disponível em: <<http://anpuhba.org/wp-content/uploads/2013/12/saoara-barbosa.pdf>>. Acesso em set 2015.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. A história ensinada sob o império da memória: questões de História da disciplina. In: História (online). vol. 23, n. 1-2, pp. 13-32, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742004000200002>>. Acesso em maio 2016.